

NILISMO E CETICISMO EM NIETZSCHE

Francisco Alvarenga Junnior Neto¹

Resumo

A intenção central deste trabalho é a de analisar e discutir a relação existente entre niilismo e ceticismo na obra do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche (1844-1900), principalmente em obras de seu último período de produção, tais como *Além do bem e do mal* (1886) e *O Anticristo* (1888). Acerca desta discussão, em relação ao ceticismo, na obra de Nietzsche, encontramos diversas aproximações e distanciamentos seus para com esta tradição, porém quando nos voltamos para a discussão especializada, realizada pelos intérpretes, notamos a existência de uma lacuna referente a este tema, resultante do baixo interesse sobre a discussão da presença e influência do ceticismo sobre seu pensamento, o que faz com que esta discussão se encontre em um lugar pouco explorado e que, em decorrência disto, é capaz de abrir campo para novas perspectivas e interpretações. Na contramão do que ocorre acerca da relação de Nietzsche com o ceticismo, sobre sua relação com o niilismo, bem como a presença e compreensão deste tema em sua obra, nos deparamos com vasta literatura de livros e artigos que se ocupam em traçar as influências, as interpretações, e os desdobramentos de sua discussão sobre outros temas importantes para nosso filósofo. Desta maneira, seguindo pela contramão de interpretações já consolidadas acerca do pensamento nietzschiano, nossa hipótese aponta que também o ceticismo se encontra presente no pensamento nietzschiano, atuando sobre e através do filósofo, tornando-se precípua a compreensão de sua relevância para o filósofo. Por fim, a preocupação de nosso trabalho não é a de apresentar Nietzsche como um filósofo cético, antes disto, a busca primordial é esclarecer a forma que o ceticismo o influenciou. A fim de realizar tal discussão, em um primeiro momento, buscaremos esclarecer e mapear algumas interpretações de Nietzsche sobre ceticismo e niilismo para, então, em seguida, discutir como ceticismo e niilismo podem ser compreendidos como nomes distintos para uma mesma estratégia do filósofo, dentro de sua intenção de se pensar uma transvaloração de todos os valores, ponto central de todo seu pensamento.

Palavras-chave: ceticismo; filosofia; Nietzsche; niilismo; relação.

Abstract

The main intention of this work is to analyze and discuss the relationship between nihilism and skepticism in the work of the German philosopher, Friedrich Nietzsche (1844-1900), mainly in works from his last production period, such as *Beyond Good and Evil* (1886) and *Antichrist* (1888). About this discussion, in relation to skepticism, when we look into Nietzsche's work, we find several approaches and distances from him to this tradition, but when we turn to the specialized discussion carried out by the interpreters, we notice the existence of a gap referring to this theme, as a result of the low interest in the discussion of the presence and influence of skepticism on his thinking, which makes this discussion in an unexplored place and, as a result, is capable of opening the field for new perspectives and interpretations. Contrary to what happens with the discussion about Nietzsche's relationship with skepticism, about his

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e teologia (FAJE). E-mail: franciscocmf@gmail.com.

relationship with nihilism, as well as about the presence and understanding of this theme in his work, we come across a vast literature of books and articles that they are concerned with tracing the influences, interpretations, and developments of their discussion on other themes important to our philosopher. In this way, going against the established interpretations of Nietzsche's thought, our hypothesis is affirmative, pointing out that skepticism is also present in Nietzsche's thought, acting on and through the philosopher, making the understanding of its relevance to the philosopher, in relation to significant topics of his philosophy, such as nihilism. Finally, the concern of our work is not to present our philosopher as a skeptical philosopher, rather, the primary search is to clarify the way in which skepticism influenced him. In order to carry out such a discussion, at first, we will seek to clarify and map some of Nietzsche's interpretations of skepticism and nihilism to then discuss how skepticism and nihilism can be understood as distinct names for the same philosopher's strategy, within of his intention to think a transvaluation of all values, the central point of all his thinking.

Keywords: skepticism; philosophy; Nietzsche; nihilism; relationship.

Introdução

A relação de Nietzsche com o ceticismo apresenta diversas aproximações e distanciamentos que podemos perceber ao atravessar sua obra, na qual é possível verificar duras críticas às apropriações indevidas localizadas no desenvolvimento da filosofia ocidental. Apesar disso, pouco se discute a respeito da influência cética sobre ele, enquanto há vasta literatura, livros e artigos, que se ocupa da presença do niilismo em sua obra. Desta maneira, a nossa hipótese é afirmativa ao reconhecer que o ceticismo se encontra presente, atuando sobre e através de Nietzsche em seu último período intelectualmente ativo, tornando-se precíua à compreensão de sua relevância para o filósofo, em relação com tópicos significativos de sua filosofia, dentre os quais se localiza o tema do niilismo.

Dentro deste panorama, a intenção central desse texto é mostrar como niilismo extremo² e ceticismo criador são dois nomes diferentes para a estratégia assumida por Nietzsche no período tardio de sua filosofia, em virtude de se realizar uma reavaliação, destituição e criação dos valores, diferente daquela, outrora apregoada pela tradição metafísica. Para isso, é preciso compreender de que forma estão presentes tanto o ceticismo quanto o niilismo e de que maneira há uma relação entre eles no momento final da obra nietzschiana.

Com o intuito de levar a cabo a discussão aqui pretendida, nossa análise e discussão buscará, primeiramente, esclarecer e mapear algumas interpretações de Nietzsche sobre o ceticismo e sobre o niilismo presentes em seus escritos. Em seguida, a nossa intenção será a de discutir em que sentido podemos compreender tanto o ceticismo quanto o niilismo como nomes distintos para uma mesma estratégia do filósofo, dentro de sua intenção de se pensar uma transvaloração de todos os valores, ponto central de todo seu pensamento.

Entre niilismo e ceticismo

No tocante ao niilismo, é a partir de 1880³ que encontramos um esforço maior do filósofo em realizar caracterizações deste tema, a fim de demonstrar a sua importância no conjunto de sua filosofia. A grande maioria destas caracterizações se encontra nos fragmentos póstumos e em sua *Genealogia da moral* (1887), no *Crepúsculo dos Ídolos* (1888) e em *O*

² Elisabeth Kuhn, autora que realizou um dos mais exaustivos estudos sobre as fontes e usos do niilismo por Nietzsche, em seu verbete para o *Nietzsche-Handbuch*, aponta seis acepções distintas sobre o niilismo na obra de Nietzsche: niilismo incompleto, completo, passivo, ativo, radical e extremo (OTTMANN, 2000, p. 296).

³ Cf. KSA IX, 4 [103]. Sommer (2006) aponta que Nietzsche sofreu influência de vários autores no desenvolvimento de sua compreensão do niilismo, bem como para o desenvolvimento de seu próprio conceito de niilismo. Suas influências viriam, como salienta o comentador, desde a literatura francesa e russa, passando por autores caros à sua formação filosófica, como é o caso de Arthur Schopenhauer, Max Müller, Carl Friedrich Koeppen e Afrikan Spir (SOMMER, 2006, p. 252).

anticristo (1888)⁴. Em todas as caracterizações do niilismo feitas pelo filósofo, nota-se que ele é compreendido como a desvalorização dos valores (*Entwerthung der Werke*). Porém, é preciso considerar que, apesar do esforço empreendido por Nietzsche para fornecer uma caracterização do niilismo, isso não é capaz de esgotar a ambiguidade presente em sua concepção sobre esta questão, uma vez que o niilismo, para o pensador, pode ser um sinal de força, de intensificação de poder do espírito, ou, pelo contrário, um sinal de fraqueza e de arrefecimento (KSA XII, 9 [35]).

As análises feitas por Nietzsche têm como objeto de leitura a humanidade e a cultura, nas quais ele encontra traços do niilismo, visto por ele como o centro de todo o desenvolvimento dos diversos processos presentes na sociedade ocidental (GIACIOIA JÚNIOR, 1997, p. 34)⁵. Para entender o fenômeno do niilismo em Nietzsche, é preciso atentar-se que ao mesmo tempo em que ele se coloca como um crítico a este fenômeno, não está isento ou imune. A grande questão é compreender que a partir da perspectiva do filósofo, a humanidade sempre oscilou entre posições extremas acerca dos valores, o que para ele é característica de um niilismo incompleto, passivo e radical, no qual há a tentativa de preenchimento do vazio imposto pela derrocada de valores (como o caso da morte de Deus) por novos ideais, tão extremos quanto os de outrora (ARALDI, 1998, p. 86).

Posições extremas não são revezadas por posições comedidas, mas outra vez por extremas, mas inversas. E assim a crença na absoluta imoralidade da natureza, na ausência de fim e sentido é a emoção psicologicamente necessária, quando a crença em Deus e na ordenação essencialmente moral não pode mais ser mantida. O Niilismo aparece agora, não porque o desprazer pela existência fosse maior do que antes, mas porque em geral surgiu uma desconfiança contra um “sentido” do mal, e mesmo da existência. Uma interpretação sucumbiu: mas, porque ela valia como a interpretação, parece como se não houvesse nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão (FP, 1887, 5 [71]).

Entendido o niilismo como a negação de qualquer esquema valorativo subjacente à vida, ele pode ser compreendido como um processo necessário, porém, apenas como um estágio transicional que supera a tradição e abre espaço para algo novo (HATAB, 2010, p. 121). Com isso, o que vemos na obra nietzschiana é a existência de graus distintos do niilismo, possuidores

⁴ Adotamos a convenção proposta pelos *Cadernos Nietzsche* de citação das obras de Nietzsche utilizadas. Desta maneira, as abreviaturas usadas neste texto são as seguintes: **KSA** = *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*; **A** = *Aurora*; **AC** = *O anticristo*; **GM** = *Genealogia da moral*; **GC** = *A Gaia Ciência*; **BM** = *Além do bem e do mal*; **EH** = *Ecce homo*.

⁵ Kuhn (2000) afirma haver seis manifestações de niilismo nas anotações dos fragmentos póstumos: incompleto, completo, passivo, ativo, radical e extremo (KUHN, 2000, p. 296). Niilismo incompleto, passivo e radical representam, para Nietzsche, a doença do espírito humano, que nos escritos a partir de 1888 é nomeada por ele de *décadence*. Já o niilismo completo, ativo e extremo são vistos pelo filósofo como possibilidades de se deixar de lado a antiga valoração, em prol de uma transvaloração dos valores.

de sentidos que também são distintos (ARALDI, 1998, p. 86; KUHN, 2000, p. 296). Em outras palavras, isto significa que, quando falamos sobre niilismo em Nietzsche, é profícuo ter em mente que há graus de niilismo que são fortemente rebatidos pelo filósofo e que há graus de niilismo assumidos em sua própria filosofia; como o próprio enfatiza em um fragmento póstumo de 1887, da seguinte maneira: “[o] niilismo vencido por ele mesmo” (FP, 1887, 9 [127]).

Embora não haja dúvida quanto à expressividade do niilismo para Nietzsche, e que alguns comentadores, como Rogério Lopes, em sua tese de doutoramento intitulada *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche* (2008)⁶, Andreas Urs Sommer, em textos como *Nihilism and Skepticism in Nietzsche* (2006), *Friedrich Nietzsches “Der Antichrist”* (2000), Richard Bett, em *Nietzsche on the Sceptics and Nietzsche as Sceptic* (2000) e Jessica Berry, em *Nietzsche and the ancient Skeptical Tradition* (2011), tenham se debruçado em evidenciar a presença do ceticismo no autor, o tema acerca da afinidade entre niilismo e ceticismo no pensamento do filósofo alemão continua em aberto.

O que se pode dizer no que tange a uma caracterização do ceticismo em Nietzsche, é que ele é discutido em um sentido tradicional, como uma questão de teorização filosófica, possuindo uma conotação positiva, na qual ele pode implicar uma suspensão experimental da confiança no mundo (GC, §358). Com isso, da maneira como o ceticismo é incorporado em seu proceder filosófico, ele permite uma liberdade intelectual e prática capaz de afastar a “confiança incondicionada” e manter no último recesso do coração um mínimo de ceticismo para com tudo e todos, fosse deus, homem e conceito” (A, §207).

Assim, o debate em voga — se Nietzsche sofreu influências do ceticismo — pode ser considerado como respondido positivamente. Contudo, tal como ocorre com as caracterizações do niilismo, tratar da presença do ceticismo não é algo simples, dada a ambiguidade que envolve este tema na obra nietzschiana (RICHTER, 1908, p. 463). De antemão, isso se deve ao fato de que a cada momento da sua obra, o filósofo privilegia interlocutores distintos dessa longa tradição, não apenas recuperando argumentos que têm estrutura distintas, mas mobilizando valores que também são distintos e têm implicações distintas.

Desta feita, não é difícil notar o contato de Nietzsche com as teses célicas antigas e nem sua familiaridade com autores modernos e contemporâneos que se encontram aglutinados

⁶ Pensando especificamente na pesquisa Nietzsche no Brasil, além da tese doutoral de Rogério Lopes, não houve nenhuma outra publicação relevante acerca do tema, o que demonstra a relevância do presente tema para as discussões especializadas sobre o filósofo no país dada a possibilidade de, através dele, surgirem novas faces do pensamento nietzschiano pouco analisadas até então.

dentro da tradição cética (como Sexto Empírico, Michel de Montaigne, Blaise Pascal, David Hume, Friedrich Albert Lange, Afrikan Spir, entre outros), como defendem Lopes (2008) e Sommer (2006) ao apontarem para pontos de contato de Nietzsche com o ceticismo que vão desde seu período de formação até o seu último período de vida intelectualmente ativa (LOPES, 2008, p. 33-34; SOMMER, 2006, p. 259)⁷.

No *Ecce homo* encontramos o filósofo realizando um elogio à obra de Victor Brochard, *Les Sceptiques grecs* (1887)⁸, nos seguintes termos:

Tenho de retroceder seis meses para me surpreender com um livro nas mãos. Mas qual era ele? – Um excelente estudo de Victor Brochard, *Les Sceptiques grecs*, no qual também as minhas *Laertinas* são utilizadas. Os céticos, o único tipo respeitável entre essa gente cheia de duplicidade – de quintuplicidade – que são os filósofos (EH I, §3).

O que se nota é que o ceticismo comparece no pensamento de Nietzsche atuando em duas frentes, a saber: sobre o filósofo e através do filósofo. Primeiro, sobre o filósofo, porque o contato com as teses céticas é fundamental para a sua mudança de perspectiva, tornando-o quase indiferente ao conteúdo dos argumentos dogmáticos e possibilitando a ele um olhar crítico sobre os seus efeitos no desenvolvimento da cultura ocidental; e segundo, através do filósofo, visto que por ele o ceticismo é reinventado e toma tons de suas próprias preocupações e discussões.

Desta maneira, em Nietzsche, o ceticismo não é um simples exercício epistemológico, como ocorre em versões modernas⁹, aplicado na intenção de se determinar critérios de avaliação e definição daquilo que é verdadeiro ou falso, mas, ainda que compreendido como uma questão

⁷ Esta, na verdade é uma posição compartilhada por diversos autores que trataram da relação da presença do ceticismo em Nietzsche. Cf. BETT, R. *Nietzsche on the Sceptics and Nietzsche as Sceptic* (2000).

⁸ “Em sua leitura de obras filosóficas contemporâneas, Nietzsche foi confrontado com considerações céticas em uma variedade de formas, por exemplo, com Afrikan Spir (cf. D'Iorio1993; Sommer 2000b: 419f.), Gustav Teichmüller (1882; cf. por exemplo, KSA XIII, 21 [1]) ou com Friedrich Albert Lange. Por um lado, a História do Materialismo de Lange é uma expressão de crítica radical; por outro lado, introduz vários autores céticos do mundo moderno, de Michel de Montaigne, passando por Pierre Bayle até David Hume, todos os quais Nietzsche também encontrou na *History of New Philosophy*, de Kuno Fischer (KSA XII, 7 [4], pp. 259-70 é um fragmento de Fischer). Nietzsche estudou as obras de Montaigne, Pierre Charron, Blaise Pascal e os moralistas franceses intensivamente (cf. Vivarelli 1998), enquanto ele pelo menos possuía uma cópia dos *Dialogues Concerning Natural Religion*, de Hume (Oehler 1942: 19). Na medida em que o ceticismo é acoplado à crítica da linguagem, Georg Christoph Lichtenberg pode ter sido importante (Stingelin 1996), bem como Gustav Gerber nos primeiros trabalhos (Meijers e Stingelin1988). O ceticismo em relação às reivindicações religiosas à verdade foi revelado a Nietzsche em, por exemplo, *History of Origin and Influence of the Enlightenment in Europe*, de William Edward Hartpole Lecky, um livro que ele utilizou pesadamente (cf. Oehler 1942: 20)” (SOMMER, 2006, p. 259).

⁹ Com exceção de alguns casos como o de Michel de Montaigne e Blaise Pascal, em que encontramos o ceticismo vinculado a questões morais. Rogério Lopes, em sua tese de doutoramento, realizou um dos trabalhos mais extensos sobre a presença do ceticismo na obra de Nietzsche. Em seu trabalho, ele demonstra como o contato com a obra de Montaigne e Pascal foram importantes para o desenvolvimento do pensamento filosófico de Nietzsche, vindo deste contato uma grande contribuição para que se desenvolvesse nele a consciência do papel do ceticismo no processo de desenvolvimento do pensamento filosófico na modernidade (LOPES, 2008, p. 305-418).

de teorização filosófica, ele toca questões e discussões do âmbito moral, uma vez que, segundo o autor, nenhum ceticismo surgiu sem reservas morais (KSA XII, 2 [161]). Relacionando ceticismo e moralidade, encontramos na obra nietzschiana diversas passagens em que o ceticismo é apontado pelo filósofo como um procedimento filosófico decadente e perigoso (GC, § 111; BM, § 208, 209), embora também não sejam raras aquelas em que o autor profere elogios ao ceticismo (EH I, §3; GM III, §9).

Analisando a relação de Nietzsche com o ceticismo, notamos que, em períodos nos quais ele ainda não possuía uma formulação sobre o niilismo, fenômenos que posteriormente viriam a ser classificados como niilistas inseridos em uma compreensão abarcada pela sua definição de ceticismo (LOPES, 2008, p. 556). Ademais, é possível encontrar ressonâncias céticas não apenas quando Nietzsche se refere a um tipo de niilismo que é rejeitado por ele, como podemos ver no aforismo 24 da terceira dissertação de Genealogia da moral¹⁰, mas também quando ele reivindica para si certo tipo de niilismo. Sommer (2006) defende que quando Nietzsche afirma que o niilismo é um instrumento indispensável para que se possa abrir novos caminhos para um novo tipo de vida (KSA XI, 35 [82]), ele está sendo usado estrategicamente, tal como ocorre com o ceticismo no parágrafo 54 de O Anticristo, no intuito de se neutralizar a necessidade de uma verdade (SOMMER, 2006, p. 266).

Assim, ainda que notemos que ceticismo e niilismo se encontrem em níveis distintos dentro da obra nietzschiana (o ceticismo entendido como uma questão de teorização filosófica e o niilismo como uma questão prática e moral), eles se tocam naquilo que consiste o fim da verdade que, para o niilismo, é também o fim dos valores¹¹. Portanto, qualquer tentativa de relacionar ceticismo e niilismo em Nietzsche, principalmente, em sua obra tardia, deve abdicar das compreensões historicamente definidas sobre estes dois temas (SOMMER, 2006, p. 266). Isto porque, diferentemente do “cético tradicional”, Nietzsche tem objetivos positivos e sua linguagem e atuação filosófica são propositivas, bem como que enquanto o niilismo visto como uma resposta reativa à realidade é tomado como um tipo de degeneração da vontade, o niilismo enquanto uma etapa de desvinculação das crenças é elogiado e até mesmo buscado por nosso filósofo.

¹⁰ “E agora examinemos aqueles casos mais raros de que falei, os últimos idealistas que existem hoje entre os filósofos e doutos: teremos neles talvez os desejados *adversários* do ideal ascético, os seus *contraidealistas*? De fato, eles *acreditam* sê-los, esses “descrentes” (pois isso é o que são todos); seu último resto de fé parece estar precisamente nisto, em ser adversário desse ideal, tão sérios são nesse ponto, tão apaixonados tornam-se precisamente aí suas palavras e seus gestos [...]. Esses estão longe de serem espíritos livres: *eles creem ainda na verdade*” (GM III, §24).

¹¹ Vale ressaltar que a posição de Parush (1976) diverge desta defendida por Sommer (2006). Parush (1976) defende que o ceticismo, para Nietzsche, não é importante apenas no que se refere a questões epistemológicas, mas também afeta seus pontos de vistas sobre questões básicas da vida (PARUSH, 1976, p. 523).

Assim, tendo como pressuposta a relação entre ceticismo e niilismo desde períodos anteriores, como buscamos demonstrar, é preciso, pois, demonstrar em que medida esta relação colabora para com a tarefa assumida por Nietzsche em seu último período intelectualmente ativo. Neste período, o que se nota, como aponta Scarlett Marton (1993), é que a preocupação do filósofo se volta para estabelecer a “sua filosofia” (MARTON, 1993, p. 89), que ganha corpo sobre a proposta de uma transvaloração dos valores (*Umwertung der Werke*).

Katrina Mitcheson (2017) defende que qualquer delimitação do ceticismo no período tardio da obra de Nietzsche deve reconhecer o seu papel terapêutico; sua capacidade de tornar saudável (MITCHESON, 2017, p. 68). Partindo daí, entendemos que no último Nietzsche, o ceticismo moral se torna um requisito para o surgimento do niilismo e para a sua proposta de revitalização da vida. Contudo, a natureza do ceticismo assumido por Nietzsche não se confunde com versões antigas e modernas, ele assume o ceticismo de forma experimental (GC, § 51; KSA IX, 6 [356]; KSA IX, 6 [442]) – o que ocorre também com o niilismo. Isto porque, dentro daquilo a que se propõe nosso autor, um dos seus objetivos é apontar para a tarefa de se abrir caminhos para a liberdade.

Assim, a “força cética de Nietzsche se baseia em sua filosofia vital”, “[u]m cético como Nietzsche o define [...] é um filósofo de raça” (BELLORO, 2015, p. 67), e, desta maneira, o caráter do ceticismo implementado pelo filósofo alemão é o de negar qualquer vínculo com verdades cristalizadas tanto no âmbito epistemológico quanto no âmbito do questionamento dos valores (WOTLING, 2010, p. 116-119). A voz cética de Nietzsche mostra que não há pontos corretos ou não de leitura da realidade e que, conseqüentemente, não pode haver um fundamento para uma verdade; e com isso o filósofo é capaz de demonstrar que o tipo de conhecimento e moral que se desenvolveram até então são frutos de erros e preconceitos do passado. O que realiza um ceticismo experimental, como aquele pensado por nosso filósofo, é destruir a suposta validade das bases sobre as quais repousa uma forma particular de vida. A consequência disto é a seguinte: se não houver verdade em si, “não existe mundo verdadeiro” (KSA XII, 9 [41]), haja vista que qualquer afirmação e conhecimento sobre a realidade repousa na ação humana; e negar isto seria uma simplificação da vida (KSA XII, 9 [35]).

Aqui retorna a nossa tese de que niilismo extremo e ceticismo experimental são dois nomes possíveis para a estratégia de Nietzsche em seu último período. Seja ela qual for, de negar doutrinas em prol de verdades situacionais e perspectivas. Isso facilmente é encontrado, por exemplo, em suas chamadas doutrinas do eterno retorno e vontade de potência, que têm

muito mais a função de subverter a tradição do que ser doutrinas estruturantes de um determinado tipo de moral e cultura (KSA XII, 5 [71])¹².

Andreas Urs Sommer defende, tanto em *Nihilism and Skepticism in Nietzsche* (2006) quanto em *Friedrich Nietzsche* (2018), que o niilismo extremo de Nietzsche, em seu período final, é moralmente cético (SOMMER, 2006, p. 258; SOMMER, 2018, p. 449). Isso porque quando o filósofo toma uma postura imperativa, como quando afirma que devem governar sobre nós os nossos próprios imperativos categóricos (AC, §11), isto não deve ser confundido com um apego a princípios ou necessidades de convicção, mas sim como uma advertência que encaminha para a experimentação.

Nietzsche, com sua filosofia, lança mão de uma tarefa puramente experimental que permite a permanência em uma determinada perspectiva, porém sem que esta se torne rígida; em outras palavras, a estratégia do filósofo em sua obra madura é a de se comprometer com determinados valores, que permitam a liberdade da vontade e da criação, porém sem tomá-los como absolutos. Nestes termos, o ceticismo e o niilismo nietzschiano têm como prerrogativa a necessidade de superação de ideias absolutas.

Isto se aplica até mesmo ao ceticismo e ao niilismo, uma vez que o filósofo vê as convicções como uma necessidade basilar para a existência. Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche aponta para a importância de se tomar cuidado com o apego ao desapego (BM, §41); o que o filósofo defende no parágrafo 54 de *O Anticristo* quando elogia o cético e reclama para si um certo tipo de ceticismo que não pode ser compreendido senão como “uma filosofia experimental, na criação de si mesmo ou do mundo [...] em favor da criatividade ou todavia da calma da alma” (SOMMER, 2014, p. 26).

Um espírito que quer algo grande, que quer também os meios para tal, é necessariamente um cético: com isso não é dito que ele tenha também que parecer um cético. Ser livre de toda convicção faz parte da força, *poder* olhar livremente. A grande paixão, o fundamento e o poder de seu ser, ainda mais esclarecida, mais despótica do que ele mesmo, torna todo o seu intelecto a seu serviço; ela tira toda hesitação; dá-lhe coragem até para usar meios profanos, em algumas circunstâncias, *permite-lhe* convicções. A convicção como *meio*: muita coisa se alcança apenas por meio de uma convicção (AC, §54).

Esta passagem é crucial para se compreender o caráter do ceticismo assumido por Nietzsche, uma vez que ele passa a ser visto como um antídoto para as crenças arraigadas,

¹² Esta característica da filosofia nietzschiana já é encontrada em seus trabalhos iniciais, como ocorre no caso de *Verdade e mentira no sentido extra-moral*, obra em que o jovem filólogo busca sublimar o próprio discurso e coloca a verdade como um produto da linguagem. Sommer sustenta que esta postura de Nietzsche pode ser entendida como uma tentativa pirrônica (SOMMER, 2018, p. 442).

quando necessário. Quando o filósofo afirma que um grande espírito é cético e que este, por sua vez, se serve de convicções, tais convicções não devem ser compreendidas senão como instrumentos transicionais de libertação, característica presente também no niilismo extremo de Nietzsche, uma vez que nesta perspectiva “niilismo conta como verdade: mas uma verdade não conta como medida suprema de valor, muito menos como potência suprema” (KSA XIII, 14 [24]). Tão logo, clarifica-se que há uma relação — inegavelmente fluída — entre niilismo e ceticismo naquilo que Nietzsche compreende como o tipo dos “verdadeiros filósofos”, que têm como tarefa ser “legisladores” (BM, § 211), em prol de uma criação individual e responsável de valores e do mundo — marca de uma filosofia do futuro¹³.

Conclusão

A discussão proposta por nós segue uma forte tendência das atuais pesquisas sobre Nietzsche no mundo, ao mesmo tempo em que se pretende tratar de um tema ainda em aberto, a saber: a relação entre niilismo e ceticismo na obra de Nietzsche. Essa tendência aparece registrada em vários textos produzidos sobre a relação de Nietzsche com a tradição cética, como os mencionados no decorrer deste texto, porém sem a devida relevância.

Esperamos que nossa proposta de demonstrar a importância do debate acerca da relação entre Nietzsche e o ceticismo, na contramão dos debates tradicionais, tenha sido cumprida. Certamente, um texto que trata da influência do ceticismo sobre qualquer autor, no caso Nietzsche, deveria ter como princípio nada concluir. Entretanto, algumas ponderações parecem ser necessárias.

Como vimos, o ceticismo, na história da filosofia, traz uma novidade que é a maneira como ele se estabelece enquanto escola, sendo sua principal característica a qualquer afirmação sobre a verdade. Nesta perspectiva, Nietzsche possuiu semelhanças para com os céticos, entre elas sua posição crítica ao dogmatismo e sua pretensão universalizante de argumentos e conceitos. Como consequência disto, sua posição crítica à forma como se criou uma visão na qual a vida comum, com seus altos e baixos, alegrias e sofrimentos, foi negada em detrimento de idealizações morais que usurparam o seu valor, fixado, justamente, em um constante devir. Apesar disto, esta relação também apresenta diversas aproximações e distanciamentos que, em certa medida, se alinham à complexidade de sua obra. Isto porque ela não possui uma organização sistemática, mas sim contradições que, em seu interior, exercem um importante papel dentro das intenções básicas do filósofo.

¹³ Nossa posição aqui se aproxima à de Mitcheson (2017). Ela defende que o ceticismo, para Nietzsche, faz parte de uma radical reavaliação dos valores e transformação do que somos (MITCHESON, 2017, p. 69).

Assim, este trabalho gostaria de ser lido como um estudo introdutório à uma pesquisa ampla. Certamente, houve pontos insuficientes e, em decorrência disto, lacunas não preenchidas. Entretanto, espera-se que ele aponte para meandros pouco esclarecidos da obra nietzschiana a serem perscrutados.

Referências

- ARALDI, C. L. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*. v. 5, p. 75-94, 1998.
- BELLORO, A. L. Une approche à “l’ultime scepticisme” nietzschéen: Quelle est la voie sceptique de Zarathoustra?. In: *Ipseidas*. v. 1, n. 2, p. 66-75, 2015.
- BETT, R. Nietzsche on the Sceptics and Nietzsche as Sceptic. In: *Archiv für Geschichte der Philosophie*. v. 82, n. 1, p. 62-86, 2000.
- GIACÓIA JÚNIOR, O. *Labirintos da alma: Nietzsche e a autossupressão da moral*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- HATAB, L. *Genealogia da Moral de Nietzsche: Uma Introdução*. Tradução: Nancy Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010.
- KAIN, P. J. Nietzsche, Skepticism and Eternal Recurrence. In: *Canadian Journal of Philosophy*. V. 13, n. 3, p. 365-387, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40231327>. Acesso: 01 abr. 2020.
- KUHN, E. Nihilismus. In: OTTMANN, H (ed.). *Nietzsche-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*, p. 293-302. Stuttgart: J. B. Metzler, 2000.
- LOPES, R. A. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Tese de Doutorado em Filosofia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- MARTON, S. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- MITCHESON, K. Scepticism and self-transformation in Nietzsche - On the uses and disadvantages of a comparison to Pyrrhonian scepticism. In: *British Journal for the History of Philosophy*. v. 25, n 1, p. 63-83, 2017. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/889514>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (= KSA: 15 vols.). Hrsg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin/New York: de Gruyter, 1999.
- _____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *O anticristo: maldição ao cristianismo/Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PARUSH, A. Nietzsche on the Skeptic's life. In: *The Review of Metaphysics*. vol. 29, n. 3, p. 523-542, 1976. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20126816>. Acesso em: 06 abr. 2020.

RICHTER, R. *Der Skeptizismus in der Philosophie und seine Überwindung*. (02 vols.) Leipzig: Dürr'sche Buchhandlung, 1908.

SOMMER, A. U. Nihilism and Skepticism in Nietzsche. In: PEARSON, K. A. (org.). *A companion to Nietzsche*. p. 250-269. Oxford: Blackwell, 2006.

_____. Criatividade e ceticismo em Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*. V. 1, n. 34, p. 11-31. São Paulo: 2014.

_____. Friedrich Nietzsche. In: MACHUCA, D. E; REED, B (ed.). *Skepticism: from antiquity to present*. p. 442-453. London: Bloomsbury, 2018.

WOTLING, P. "Cette espèce nouvelle de Scepticisme, plus dangereuse et plus dure". Ephexis, Buddhisme, frédéricisme chez Nietzsche. In: *Revue de métaphysique et de morale*. V. 1, n. 65, p. 109-123, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-de-metaphysique-et-de-morale-2010-1-page-109.htm>. Acesso em 30 mar. 2020.

Recebido em: 24/08/2021

Aprovado em: 17/11/2021